

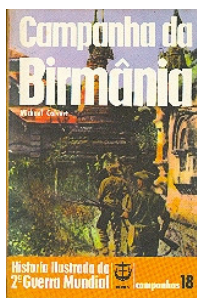
Livro: Campanha da Birmânia, 159 páginas

Autor: Michael Calvert

Editora: Editora Renes Ltda.

ISBN:?

<http://www.editorarenes.com.br/>



Ler um livro da Renes é quase sempre um prazer. Uma leitura básica, leve, nem sempre 100% correta, mas que universalmente é usada como introdução por muitos ao fascinante estudo da 2ª Guerra Mundial. Infelizmente, quase sempre... este livro fica abaixo da média da série.

A começar pelo título, “Campanha da Birmânia” na banda laranja “Campanhas”. O mais correto seria “William Joseph Slim” na banda roxa “Líderes”, pois o autor se concentra na biografia do Tenente-Coronel Slim e não especialmente na campanha da Birmânia. Prova disso está logo no primeiro capítulo do livro, dedicado a Slim e no segundo dedicado a sua campanha na... África. A biografia do autor indica que estando lá, mesmo sendo testemunha ocular dos fatos, por ter tido um relacionamento pessoal com Slim, tenha preferido se fixar na figura dele e não na campanha propriamente dita.

Somente a partir do terceiro capítulo é que passamos a acompanhar a retirada britânica da Birmânia, com os japoneses no seu encalço. É interessante descobrir que os japoneses na ocasião temiam mais os seus adversários chineses do que os ingleses ou indianos, face o desempenho medíocre das tropas inglesas, sobretudo em Cingapura. O estilo de lutar inglês (e europeu) de guerra de posições não estava ainda adaptado a guerra de movimento e manobra na selva (a blitzkrieg da bicicleta) que os japoneses vinham desenvolvendo desde a década de 1920.

Passamos pelas tentativas de reorganização das tropas inglesas e indianas, ainda acoçadas pelos japoneses numa área inóspita e famosa pela malária. Uma seqüência de derrotas e retiradas, onde o território era trocado por tempo e experiência. Mesmo confrontados com um número inferior de inimigos, ingleses e indianos ainda não tinham aquele ímpeto e a experiência necessárias para barrar o Exército Imperial Japonês.

É aí que entra Slim, com sua calma, têmpera e fleuma e mesmo sem ser brilhante ou inovador, vai, aos poucos descobrindo como lutar e formando sua equipe de comandados. Convenhamos também que trabalhar com figuras como Orde Wingate (e seus Chindits), “Vinegar Joe” Stilwell (e seus chineses), Chiang Kai-shek e Leese não era exatamente um mar de rosas.

Somente em fevereiro de 44, resistindo às ofensivas HA-GO e U-GO que culminaram na batalha de Imphal e de Kohima, às portas da Índia, a partir de março do mesmo ano, vemos que o aprendizado de Slim não foi em vão, sobretudo em função do aperfeiçoamento do abastecimento aéreo, o que naquele teatro tornou-se vital.

Derrotadas as intenções japonesas, restava derrotar os próprios japoneses e expulsá-los da Birmânia. Ingleses e indianos, agora treinados, com armamento e suprimentos adequados e convencidos da vitória, passaram a ser tão respeitados como os chineses anteriormente o eram e paulatinamente desceram as montanhas para em dezembro de 44 dar o golpe final nas pretensões japonesas.

As operações “Capital” e “Extended Capital”, com a captura de Meiktila e Mandalay, destroçaram grande parte do abatido 15º Exército Japonês e iniciaram a corrida que só terminaria com a libertação de Rangum em maio de 1945.

Infelizmente para o leitor, o autor não passa um quadro claro da situação e parte da ação e da coordenação entre as operações se perde na forma confusa em que os fatos são narrados. Sendo um teatro de operações não tão famoso, a maioria dos leitores não terá conhecimento prévio suficiente para preencher as lacunas que vão ficando pela narração.

O livro termina no pós-guerra explicando o destino da desmobilização das forças no oriente e dos seus comandantes, especialmente Slim. Aqui o autor novamente se concentra na figura deste general e deixa as considerações estratégicas sobre a Birmânia para outra ocasião.

Resumo: Um cenário que merecia um livro melhor. A Renes poderia colocá-lo na banda roxa, que seria mais justo. Cotação: 2 estrelas.

